

# Revista de Agricultura

Publicação bi-mensal de ensinamento theorico e pratico

## DIRECTORES

Prof. N. Athanassof  
Prof. Carlos T. Mendes

## REDACTORES

Prof. Octavio Domingues  
Prof. S. T. Piza Junior  
Prof. Uestin Vasconcellos

Vol. 5

Janeiro - Fevereiro de 1930

N. 1 e 2

## Ministério da Agricultura

Na data de hoje, ha vinte e seis anos, sancionou-se a lei que criou o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, desligando-se suas funções do então Ministerio da Viação. Uma fatalidade do berço denuncia-se desde logo, e o nascituro só tres anos depois é que passa á vida real, pois que só veio instalar-se a 21 de junho de 1909, durante o govêrno de Nilo Peçanha. O seu primeiro occupante foi Candido Rodrigues, que lhe imprimiu os primeiros contornos ainda indecisamente definidos. Por muitas vicissitudes há passado êle, e ora mais, ora menos bem, está aí numa continua luta, a tentar cumprir a sua alta missão. Seu aparelhamento deficiente, por motivos múltiplos, não lhe permite dar o rendimento, a eficiencia desejada.

Mas nem por isso é uma inutilidade como se quer fazer crer, numa miopia intelectual exagerada, doentia.

Um dos mais serios factores da sua baixa percentagem de eficiencia esta na complexidade extrema da sua finalidade: agricultura, indústria e commercio.

Em S. Paulo assistimos a uma divisão da antiga Secretaria de Agricultura, Commércio e Obras Publicas em duas: ficando uma a cuidar da agricultura, do commercio e da industria.

E aí estão, aplaudidos por todos, os resultados desse desmembramento. Si fôr governo da Republica, promete o presidente de S. Paulo, em sua plataforma, ha pouco lida no Rio, promete fazer desligar, da actual

pastas da Agricultura, tudo o que diz respeito "à propaganda comercial, conquista de mercados e desenvolvimento de exportação, todos os serviços de Bolsas, Exposições, Propriedade Industrial, Museus, Estatísticas, etc." para constituir "um novo Ministerio, o Ministerio do Comercio e Indústria". Incontestavelmente é uma ideia feliz. Feita realidade será um desafogo para os futuros ministros da Agricultura, num país de mais de oito milhões de quilômetros quadrados, com quarenta milhões de habitantes, e que se estende do equador até além do trópico, com uma diversidade acentuada de clima, de produção agrícola e pastoril, de usos e costumes rurais, de possibilidades economicas, as mais variadas. Demais, assim poder-se-ia ver entregue o timão dos nossos problemas economico-agricolas a um timoneiro mais adequado talvez, a um profissional da agricultura, que por dever de officio deverá estar mais afeiçoado a essa ordem de cogitações. Não pretendo com isso apontar a incapacidade dos homens, que passaram pelo ministerio das cousas agricolas, para o mister de orientar, promover, desenvolver e defender a nossa produção, no alto posto administrativo em que foram colocados.

Não. Talvez em outra situação, com outra organização menos burocratica, fizessem mais, ou errassem menos. Mas o direito de dizer que, ao Ministerio da Agricultura, o que mais calha, é um agronomo — esse direito ninguem me negará, porque seria talvez uma demonstração de demencia, ou de vontade de bramar contra a coerencia das cousas. Prematura talvez em 1906 ou 1909 a criação de uma entidade administrativa, para cuidar de uma agricultura incipientissima, hoje é a melhor oportunidade para ampará-la do melhor modo possível, afim de que a nossa lavoura e a nossa criação — já agora num pé de adiantamento indiscutível — recebam a melhor orientação, o estímulo mais forte, a defesa mais inteligente para sua prosperidade, para seu progresso, para seu triunfo, na guerra economica que se alastra terrível, no mundo inteiro.

29 de dezembro de 1929.

J. A. ANTONIL